

COM CRISTO

1. Quero estar contigo

Os Capítulos deste Curso de Formação Monástica eu os pensei como continuação dos cinco Capítulos proferidos durante o Curso On-line do mês de maio passado, que tratavam do tema “Ressurreição e renovamento”, e nos quais queríamos deixar-nos provocar pela pergunta sobre o sentido e a verdade da nossa vocação, pergunta essa que São Bernardo se fazia constantemente: “*Bernarde, Bernarde, ad quid venisti?* – Bernardo, Bernardo, a que vieste?”. Fazia-se esta pergunta deixando-se, por sua vez, interrogar pela mesma pergunta que Jesus fez a Judas no Getsêmani: “*Amice, ad quid venisti?* – Amigo, a que vieste?” (Mt 26, 50), pergunta que São Bento citou no capítulo 60 da Regra para levar os sacerdotes que querem entrar no mosteiro a refletirem sobre a verdade das suas intenções.

Ao final dos Capítulos do Curso On-line eu chegava a identificar o ponto focal do renovamento permanente da vocação cristã e monástica em um versículo da segunda carta de São Paulo a Timóteo: “Eis uma verdade absolutamente certa: Se morrermos com ele, com ele viveremos” (2Tm 2, 11).

Observava que, no original grego e na tradução latina – “*si commortui sumus, et convivemus*” –, esta frase é ainda mais concisa e poderíamos traduzi-la assim: “se con-morremos, con-viveremos”.

Eu acrescentava: “O que isso quer dizer? Antes de tudo, que a nossa ressurreição e a renovação implicam a morte, uma passagem através da morte. Ao mesmo tempo entendemos que o essencial para viver esta passagem pascal é estar com Cristo, é a comunhão com Ele.

Isto quer dizer que para ressuscitar, para renovar as situações de morte nas quais nos encontramos, devemos, antes de tudo, começar por viver com Cristo a nossa morte, por viver com Cristo as nossas situações de morte. O caminho da renovação é atravessar com Cristo toda condição e situação de morte que a nossa condição humana de pecadores comporta. Antes da ressurreição, devemos acolher do Ressuscitado a graça de poder morrer com Ele, de viver com Ele a nossa morte”.

Concluía dizendo: “O segredo da renovação de tudo é, então, não perder, não recusar, não negligenciar a comunhão com Cristo em cada experiência da vida. Na provação, não deveríamos jamais preocupar-nos, antes de tudo, em mudar a nossa vida e situação, mas em vivê-las com Ele.

A pergunta que deveríamos sempre fazer-nos em todo momento de crise em que a vida vem a faltar é, então, uma só: como permaneço com Cristo, como estou com Ele, como caminho com Ele através daquilo que me é pedido viver hoje, agora, a cada instante? Como viver com Ele a provação que estou ou estamos atravessando?

É precisamente nisto que a vida monástica é, por si mesma, um caminho de renovação e de ressurreição. Porque a vida monástica, desde as origens, é toda organizada para escolher e acolher a comunhão com Cristo em cada momento e situação do dia e em cada etapa da vida.

Quantas vezes, porém, a nossa reação aos momentos de crise e de morte que atravessamos, pessoalmente e comunitariamente, é procurar todo tipo de solução em vez de recorrer à comunhão com Cristo, à qual a nossa vocação é toda dedicada e para a qual nos oferece toda sorte de ajuda: a vida no mosteiro, a regra, a liturgia, os sacramentos, a Palavra de Deus, a comunidade fraterna, a autoridade que nos guia.

Os germes da renovação de que precisamos já estão contidos em tudo aquilo que a Igreja e o nosso carisma nos oferecem constantemente para acolher a presença de Cristo, até podermos morrer com Ele para viver agora e sempre com Ele.

A coisa nova que Jesus quer fazer em nós e entre nós é a sua amizade, que abraça toda a nossa vida até à morte e à ressurreição” (Curso On-line, Capítulos do Abade Geral, Capítulo 5).

É a partir deste ponto central que eu gostaria de recomendar, procurando aprofundá-lo com vocês. Se a comunhão com Cristo não é o centro do nosso interesse e do nosso empenho com a vida e a vocação, não podemos senão dispersar-nos e deixar-nos arrastar por tudo e por todos a viver uma vida vã, que não respeita o desejo último do nosso coração nem o sentido e o destino do dom da nossa vida e vocação.

Poucos dias depois do Curso On-line, parti para o Vietnã por duas semanas, durante as quais visitei uma dezena de mosteiros. Entre eles, Chau Son Nord, o único mosteiro que ocupa os edifícios originais, com uma bela igreja em estilo neogótico de 1936. Ali encontrei três inscrições que vinham confirmar a meditação que me acompanhava havia tempo sobre o porquê de termos vindo ao mosteiro.

A primeira inscrição está pintada sobre a porta que do claustro conduz à igreja. Diz, em latim: “*VOLO TECUM*”, isto é, “Quero estar contigo”. Esta palavra impressionou-me muito, porque sintetiza o motivo último não apenas do nosso ir à igreja para a oração e a Eucaristia, mas o escopo último pelo qual entramos na vida e depois na comunidade cristã, na Igreja, no mosteiro e em toda forma de vocação cristã. Vimos, entramos, aderimos porque *desejamos estar com Deus, com Cristo*. Este é o desejo profundo do nosso coração, o desejo estrutural do nosso coração, aquele desejo que Santo Agostinho descreveu de modo insuperável: “Fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós” (Confissões I, 1, 1).

“*Volo tecum*” descreve precisamente o desejo de Deus que não encontra satisfação senão na comunhão com Ele. Nós não fomos feitos apenas para Deus, para desejar Deus, mas para *estar com Deus*, para a comunhão com Ele, com Ele presente em Jesus Cristo.

A essencialidade da formulação latina, “*Volo tecum*”, que subentende o verbo “estar” ou “ser”, é como as primeiras frases das crianças que aprendem cedo o verbo “querer”, porque exprime bem a sua sede e fome de serem saciadas pelo leite, pelo alimento, mas também pelas pessoas que as amam.

A criança diz: “Quero mamãe”, “Quero papai”, porque, no fundo, o seu coração não admite distinção ou distância entre o seu desejo e aquilo que deseja. Não dizem nem mesmo “Eu quero”, porque não fazem distinção entre o seu “eu” e o desejo de estar com a mamãe e o papai. Com efeito, as crianças que são negligenciadas, às quais se dá tudo, exceto a presença dos pais, são feridas na raiz do seu coração e, muitas vezes, por toda a vida jamais chegam a saber o que querem. Desejam, desejam, mas não sabem o quê; e então tentam de tudo, experimentam tudo, sem critério, sem juízo, sem jamais abraçar quem as ama verdadeiramente. Até encontrarem quem alcance o seu coração portando-lhes a face do Senhor, Aquele para quem fomos feitos.

Eis por que, escrevendo sobre a porta da igreja as palavras “VOLO TECUM”, os primeiros monges de Chau Son Nord compreenderam que, quando um monge vai à igreja para rezar, em um certo sentido encarna toda a humanidade perdida e dispersa, distante da consciência do seu coração feito para Deus.